

Santomé téla ô! Cultura em São Tomé e Príncipe

Vanessa Adriano Marinho

Bacharel em História (UFPE)
E-mail: vanessa.marinho.10@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas características da tradição oral africana e relacioná-la à disseminação da herança cultural em São Tomé e Príncipe, onde serão analisadas algumas manifestações culturais do país (*Ússua*, o *Danço-Congo*, *Tchiloli*, a *Puíta*, entre outras) e a forma como se dá o conhecimento sobre elas. Esta pesquisa é de fundamental importância por representar uma iniciativa pioneira de estudo com esta temática no Brasil - apesar de ser ainda incipiente - e por proporcionar um estímulo ao desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema. Alie-se a isso o fato de que o conhecimento sobre a cultura africana se faz imprescindível por estar intimamente relacionado com a cultura brasileira e ao fato de que as relações entre o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa deva ir além dos acordos políticos e de ajudas humanitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Cultura, São Tomé e Príncipe

Introdução

Muitas pessoas reconhecem a oralidade e a diversidade cultural como características marcantes das sociedades africanas. Sem aderir aos generalismos, podemos afirmar que estas características, com suas peculiaridades dentro de cada país, se fazem presentes de uma maneira intensa, sem que seja dada a devida atenção por parte de nós brasileiros, que temos em nossa cultura um legado substancialmente africano. Neste trabalho pretendo analisar a tradição oral africana de modo geral e relacioná-la à difusão da cultura popular em São Tomé e Príncipe, além de mostrar que a transmissão de conhecimentos acerca da cultura é feita tradicionalmente através da oralidade.

O trabalho é organizado em duas partes onde primeiramente faço um apanhado geral sobre a oralidade nas sociedades tradicionais africanas e na

segunda parte é analisado o caso santomense no que diz respeito às manifestações culturais do país. Veremos que a tradição oral se faz presente, seja de modo organizado e direto - com divisões de funções e hierarquias dentro das sociedades tradicionais - ou indiretamente, através das histórias que se contam dentro de cada país, num contexto mais atual, sem que muitas delas estejam documentadas, tradição esta que será responsável pela difusão da herança cultural.

A Tradição Oral

O continente africano ainda se mostra para nós como uma fonte muito rica à qual precisa ser dada a devida atenção. Apesar de sua história ser tão semelhante, em alguns aspectos, à história do nosso país, muitos brasileiros ainda vêem a África como “um país muito pobre”¹. Estigmas à parte, é importante lembrar que a diversidade cultural está presente em cada uma das nações africanas de uma forma peculiar; entretanto, muito do que se produz nestes países ainda é para nós completamente desconhecido.

Pode-se atribuir esta condição ao fato de estarmos tratando de sociedades altamente pautadas na oralidade enquanto nós, ocidentais, somos extremamente dependentes do papel, do documento escrito, como se ele não pudesse ser alterado e suas informações fossem completamente confiáveis.

Apesar de a sociedade africana ser uma referência no que diz respeito à tradição oral, o continente africano foi um dos pioneiros no que se refere à escrita. Foi lá, como ressalta Serrano,² que se desenvolveram, entre outros sistemas de escrita “os hieróglifos egípcios e os alfabetos meroíticos *tifinagh* e *ge'ez*”. Sendo assim, continua Serrano, “o mito do ‘analfabetismo africano’ constitui, indubitavelmente, mais uma das fábulas instrumentalizadas para emascular o continente em nível ideológico”. Esta afirmação vai de encontro ao que Thompson³ denomina - no que diz respeito às sociedades tradicionais africanas - de *sociedades pré-letradas*.

Vale salientar que em muitas sociedades tradicionais a oralidade era o principal meio de comunicação, e mesmo para as sociedades que já conheciam a escrita, este sistema e outras formas não-orais de comunicação não tinham a mesma eficácia. Isso justificaria a existência dos *griots*, homens que guardavam

¹ Pierre Verger: Mensageiro entre dois mundos. Direção de Lula Buarque de Holanda. Brasil, 1999. 82min.

² SERRANO, Carlos; Waldman, Maurício. Memória d'África. A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007. Pg. 145.

³ THOMPSON, Paul. A voz do passado – História Oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Pg. 46.

na sua memória milhares de histórias e contos, bem como as genealogias e os feitos de reis e imperadores.

Serrano também traz a contribuição do historiador senegalês Djibril Tamsir Niane, que diz que a escrita tirou a importância da memória entre os homens e que estes “já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana”⁴. Para compreendermos esta afirmação basta imaginarmos o papel ou qualquer outro suporte da escrita como um objeto inanimado e a voz como um sentido inerente à vida humana. Para este autor, as sociedades tradicionais africanas *optaram* por não utilizar como base de sua comunicação os sistemas escritos.

A palavra possui ainda um caráter sagrado e, portanto, não pode ser usada levemente. Ela está relacionada tanto com a manutenção quanto com a ruptura da harmonia do homem e do mundo a sua volta. Especialmente nos rituais religiosos, a palavra é dotada de um valor fundamental. A eficácia da magia está na crença coletiva da palavra e nos seus suportes, seja um objeto ritual ou o próprio homem. Neste sentido, a ausência de um significado coletivo limita e estigmatiza o uso da palavra dentro da ação ritualística. Ela precisa ser usada correta e apropriadamente, além de ter que estar de acordo com a tradição e o legado deixado pelos ancestrais.

A palavra também serve como expressão do poder e da ordem social. Serrano⁵ cita como exemplo a socialização dos jovens, que é feita através de provérbios, contos, cantos, crônicas e adivinhações, que permitem a manutenção da tradição por meio da oralidade; é o que se chama de *momento de nomeação*, onde o indivíduo cria um novo elo com a ancestralidade e é integrado em um novo status dentro de sua comunidade.

Jean Vansina divide a tradição oral africana em cinco categorias:

Fórmulas - de aprendizagem, rituais, gritos de guerra; **Listas** - de nomes de lugares e pessoas; **Poesia** – oficial ou privada (histórica, religiosa ou ritual); **Narrativas** – históricas, didáticas, artísticas ou pessoais e **Memórias**⁶. Nem todas as categorias se encontram em todas as sociedades africanas, segundo Vansina. Ele explica que a poesia oficial e narrativas históricas somente aparecem quando há um grau relativamente elevado de organização política. De acordo com a relevância destas tradições, a transmissão oral era feita de uma geração para outra com um mínimo de distorção, o que significa preservar padrões durante séculos ou pode resultar em arcaísmos quando estes padrões não fossem mais compreendidos.

⁴ NIANE apud SERRANO. Ibidem Pg. 145.

⁵ SERRANO. Idem, pg. 147.

⁶ VANSINA, Jean. A tradição oral e sua metodologia *in* UNESCO. História Geral da África. São Paulo, Paris: Ática, 1980.

Em *A Voz do Passado*, Paul Thompson cita o exemplo de Ruanda, onde diferentes categorias são responsáveis por determinado tipo de transmissão: *Abacurabuenge*, ou genealogistas: responsáveis por lembrar das listas dos reis e rainhas-mães; *Abatukerezi*, ou memorialistas: responsáveis por lembrar os acontecimentos mais importantes de cada reinado; *Abasizi*, ou rapsodos: preservam os panegíricos aos reis; *Abiiru*, preservavam os segredos das dinastias.⁷ Nas aldeias também haviam os *portadores-de-tradição*, que atuavam com mais frequência do que estes especialistas da corte e mantém sua atividade até hoje.

Como se pode observar, a manutenção e a importância dada à palavra nas sociedades tradicionais africanas parte dos mais velhos e são disseminadas entre seus membros. Eles são detentores de saberes que ecoam por toda a comunidade e em muitas delas existe uma divisão que facilita o entendimento acerca do papel de cada indivíduo ou de cada mensagem a ser transmitida.

No entanto, é possível perceber também que a tradição escrita e outras formas de comunicação estão ofuscando o papel destas lideranças tradicionais e fragmentando sua autoridade. Mas que ainda assim, a importância da palavra o contato com os ancestrais estão essencialmente ligados às manifestações culturais.

O Caso de STP

São Tomé e Príncipe é um país localizado a leste do continente africano e é formado por duas ilhas e diversas ilhotas. Possui em torno de 1000km² e cerca de 160.000 habitantes. Tem como países vizinhos mais próximos a Nigéria, Gabão, Camarões e Guiné Equatorial (Malabo). Sua população é resultante de uma miscigenação entre portugueses e outros africanos, provenientes de Moçambique, Cabo Verde, Angola, e da Costa da Guiné. Esta mistura teve como resultado um mosaico cultural extremamente rico, que se refletem nas manifestações culturais do país. É um dos países membros da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)

Tomando por referência as expressões da cultura em São Tomé e Príncipe, podemos perceber que a continuidade destas manifestações está majoritariamente vinculada à oralidade e este conhecimento, bem como sua difusão, acontece por parte dos mais velhos, que, como foi citado anteriormente, são também responsáveis pela transmissão da herança cultural. Podemos perceber que a manutenção de algumas manifestações, e da própria história do país, não se faz tendo como base registros escritos, e sim, através daquilo que se conta de geração em geração.

⁷ THOMPSON, Paul. *Ibidem*, pg. 47.

Sobre estas manifestações, a bibliografia disponível no Brasil em português é praticamente inexistente. Foi utilizado como referência alguns textos disponíveis na internet e o depoimento do estudante santomense Olavo E. S. da Cunha Lisboa, residente no Brasil desde 2005, e que cedeu informações acerca destas expressões da cultura de seu país.

Em seu depoimento, antes de falar sobre as manifestações culturais do país, ele traz uma descrição sobre as etnias que existem nas ilhas – forros, tongas, angolares, entre outras – que são conhecidas através da descendência, uma vez que não existe nenhum documento que comprove a etnia de cada indivíduo. Falando sobre as etnias, em mais de um momento de seu depoimento ele chama atenção para a ausência de documentos comprobatórios, o que reforça a idéia de transmissão do conhecimento a partir da oralidade.

Sobre a defesa da cultura, ele diz que esta se faz por parte dos mais velhos, visto que os mais jovens não dão mais valor à cultura tradicional do país, e que, dentro das instancias do governo, não há um incentivo há cultura por causa da instabilidade política do país.

Entre várias formas de expressão cultural no arquipélago, distinguem-se o Nojo, *Socopé*, *Ússua*, *Puíta*, *Djambi*, *Tchiloli*, *Bligá*, *Bulauê*, *Stleva*, *Quiná*, *Dêxa*, Auto de Floripes e Danço-Congo.

Nojo ou *Nozado* é uma das atividades ligadas a oralidade que acontecem no país, onde acontecem narração de histórias, adivinhações, jogos de baralho, etc. Durante uma semana, a partir da morte de algum indivíduo adulto, os familiares e amigos se reúnem na casa da família todas as noites, comendo, bebendo e realizando as atividades citadas anteriormente, atividade essa que é realizada pelas pessoas mais velhas que falam entre outras coisas sobre os contos tradicionais do país, histórias que dificilmente são publicadas em livros. Em São Tomé e Príncipe o ato de contar histórias é um meio de convívio entre familiares e amigos, e é o maior meio de transmissão de conhecimento a partir da oralidade. São realizadas quando a família está reunida de noite em seu próprio lar conversando. É um fenômeno que se desfez com a popularização da televisão, uma vez que este aparelho levou a individualização das pessoas; a família mesmo reunida tem a atenção voltada para a TV, e não para a sua vida social.

A *Puíta* é uma manifestação cultural com dança própria e música própria tocada com instrumentos tradicionais, com o objetivo de invocar os espíritos que fazem revelações e ajudam a curar doenças em algumas situações. É de praxe executar-se uma *Puíta* em homenagem a algum defunto a que se atribui alguma desventura na família.⁸ Mas não é só nesta ocasião que se executa a *Puíta*, ela é um dos ritmos musicais mais populares em São Tomé. A *Puíta* é também chamada de *Semba*, e tem origem no *Cadunque*, que era dançado em Luanda.⁹

⁸ http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208

⁹ <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/sao-tome-e-principe/sao-tome-e-principe.php>

Juntamente com a *Puíta*, o *Danço-Congo* também serve para entrar em contato com os espíritos. Assim como a *Puíta* e o *Danço-Congo*, o *Djambi*, são rituais com poderes curativos, também serve para estabelecer contato com os mortos. É semelhante ao candomblé ou à macumba brasileira. Ao dançarem, os curandeiros entram em transe e aí submetem os doentes às práticas rituais. São também freqüentes fenômenos de insensibilidade ao cansaço e à dor (dançada durante a noite inteira, caminhar sobre brasas, ferir o próprio corpo, etc.)¹⁰

A *Ússua* é um estilo musical com sua dança própria, que antigamente servia para os assimilados.¹¹ Nas apresentações, os homens usam trajes tradicionais e as mulheres usam saia e quimono, xale ou pano de manta. Os homens ainda usam chapéu de palhinha e usam no braço uma toalha bordada.¹² Teria nascido no início nos anos 1900, com influência européia. A orquestra era composta a base de instrumentos europeus (acordeões) e africanos (tambores).

O *Socopé* – que quer dizer etimologicamente “só com o pé”, tem origem incerta. Há indícios de que ela tenha nascido no Brasil e posteriormente levada para Portugal no final do século XVII e de lá para São Tomé em meados do século XIX¹³, como também há informações que seja uma dança genuinamente santomense.¹⁴

A *Stleva* é uma manifestação efetivamente folclórica¹⁵, executada por três pessoas. Uma delas segura um pedaço de pau, outra o reco-reco e a pessoa que canta fica com uma toalha branca apoiada nos braços estendidos. No canto da *Stleva* a pessoa fica se gabando daquilo que é capaz de fazer, coisas que não são normais a um homem comum.

Há ainda o *Bligá*, ou Jogo do Cacete, um misto de jogo e dança que se assemelha a algumas artes marciais e que provavelmente deu origem a capoeira.¹⁶ É executado ao som do *Quiná*, que juntamente com o Auto de Floripes são provenientes da ilha de Príncipe.

O Auto de Floripes é executado somente uma vez por ano, no dia 10 de agosto, dia de São Lourenço. Encontramos a seguinte descrição do Auto de Floripes:

¹⁰ http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208

¹¹ “Os assimilados são descendentes dos colonos, ou nacionais que trabalhavam nas repartições públicas ou nos estabelecimentos dos portugueses. Eram pessoas de pele mais clara, com mãe santomense e pai português, ou negros que tinham cargos de confiança dos portugueses.” LISBOA, Olavo do Espírito Santo da Cunha. *Cuá Téla*. Recife, 2009. Entrevista concedida a autora.

¹² http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208

¹³ <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/sao-tome-e-principe/sao-tome-e-principe.php>

¹⁴ <http://stomepatrimonio.blogspot.com/search/label/Dan%C3%A7as%20de%20S.%20Tom%C3%A9>

¹⁵ LISBOA, Olavo do Espírito Santo da Cunha. *Cuá Téla*. Recife, 2009. Entrevista concedida a autora.

¹⁶ http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208

“(…)desde a madrugada do dia 10 de Agosto é dado uma alvorada nas ruas de Santo António pelo embaixador cristão e pelo embaixador mouro que reúne os actores ao som dos tambores e das cornetas. O embaixador cristão está a frente da igreja e o embaixador mouro está na outra extremidade da rua, do outro lado do rio. O encadeamento da história é construído em volta da guerra de Carlos Magno e dos seus doze pares contra o Almirante Balão e seus reis mouros. A guerra pode ser evitada se um dos grupos se converter à religião do outro. Cada grupo envia então, um embaixador para pedir ao outro que se converta a religião do grupo oposto. Três horas de combate opõem Olivério e Fierabras que é o filho de Balão. O amor de Floripes, filha de Balão, se converte ao cristianismo e salvará assim Guy de Borgonha, Olivério e os outros.”¹⁷

Assim como o Auto de Floripes, em São Tomé existe uma atividade semelhante, chamada *Tchiloli*. O *Tchiloli*, ou Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno, é uma das manifestações que possuem mais informações disponíveis acerca de sua origem e de sua história. Existem duas versões a respeito da origem da obra: uma versão diz que a obra é francesa, passou pela Espanha chegando posteriormente a Portugal, e a outra versão diz que a obra teria sido escrita por Baltazar Dias, poeta cego madeirense e que foram os portugueses que a trouxeram nas suas naus para São Tomé.¹⁸ Apesar desta incerteza, é clara a influência europeia nesta manifestação, que se observa principalmente nas vestimentas dos personagens e no formato, que se assemelha às Canções de Gesta da Idade Média.

O *Tchiloli* trata da história de dois amigos, o príncipe Carlos Magno ou Dom Carloto e Valdevinos, que se apaixonam pela mesma mulher, mas esta se apaixona por Valdevinos. Sabendo disto, Dom Carloto convida Valdevinos para caçar e o mata no meio da floresta. A história do *Tchiloli* é a investigação e o julgamento deste crime.

Uma ressalva que deve ser feita é que, em São Tomé e Príncipe, assim como em outros países africanos, as pessoas dão muito valor à ancestralidade. Sendo assim, antes de qualquer manifestação, há a comunicação com os ancestrais. E com o *Tchiloli* não é diferente. Um dos atores do grupo e a sua família ficam encarregados de preparar a comida e o vinho da palma. Nas festas religiosas, a bebida e a comida são transportadas até capela. Em frente da estátua, à volta da capela, em becos e nos quintais é depositado o vinho da palma pelo chefe do grupo, que vai pronunciando e chamando pelo nome dos ancestrais, fazendo igualmente o sinal da cruz. É também depositado o vinho da palma e os instrumentos utilizados.¹⁹

Apesar da clara influência europeia, o *Tchiloli* parece ser a principal expressão da cultura santomense. Como foi dito anteriormente, é sobre esta

¹⁷ <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/sao-tome-e-principe/sao-tome-e-principe.php>.

¹⁸ <http://stomopatrimonio.blogspot.com/search/label/Publica%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20STP>

¹⁹ Idem.

manifestação que encontramos a maior parte dos registros, a exemplo dos livros *Coup de théâtre à São Tomé* - do antropólogo francês Jean-Yves Loude, *Tchiloli: Charlemagne à São Tomé sur l'île du milieu du monde*, da pesquisadora Françoise Gründ e *Máscara, Mato e Morte*, do escritor português Paulo Valverde. Além destas publicações, os meios virtuais também servem como importantes ferramentas, não só para a divulgação da cultura local, mas também para perceber como os santomenses se sentem em relação a vários aspectos de seus pais – neste caso, as redes sociais²⁰ têm um papel fundamental.

É importante perceber que o conhecimento acerca das manifestações culturais em São Tomé e Príncipe se dá, sobretudo a partir de depoimentos, de relatos orais, já que como foi dito, o que existe de escrito sobre elas é muito pouco, principalmente aquilo que se encontra disponível no Brasil. Nos sites utilizados como referência, muitos do que está escrito está baseado em depoimentos de pessoas ligadas a estas manifestações²¹, o que reforça a importância da oralidade na difusão da cultura de um país, inclusive, como é o caso, no contexto de São Tomé e Príncipe. A oralidade está presente ainda no que diz respeito à transmissão do conhecimento destas manifestações para as gerações futuras, uma vez que o aprendizado sobre elas, mesmo num contexto mais atual, não consta nos livros; os mestres é que contam como se dança determinada música ou como se toca cada instrumento, por exemplo.

Considerações finais

Estamos vivendo, no Brasil, um período em que as políticas de ação afirmativa e as intensas pesquisas relativas ao continente africano são desenvolvidas no intuito de procurar reparar os danos sofridos pela população afro-descendente no país no decorrer dos séculos. Este fato é bastante positivo porque, ao percebermos as semelhanças e influências entre ambos, a tendência seja eliminar aos poucos algumas práticas racistas e discriminatórias que ainda se observam no Brasil. Este trabalho vem se aliar a mais um entre tantos que já foram escritos sobre a África, mas que tem como diferencial tratar de um país quase que desconhecido dos brasileiros. São Tomé e Príncipe são duas ilhas paradisíacas, e cima da linha do equador - ou, como diz o título do livro de Françoise Gründ, "l'île du milieu du monde" (a ilha no meio do mundo) – que, no entanto, padecem de graves problemas sociais, que vão desde falta de energia elétrica a freqüentes denúncias de corrupção. Estas dificuldades afetam a sociedade como um todo, e como não poderia ser diferente, interferem na produção e na divulgação da cultura local. Não há, por parte do governo, um efetivo incentivo à cultura; este se faz por iniciativa daqueles que estão

²⁰ Ver <http://stpniclocon.ning.com/>

²¹ Ver www.stomepatrimonio.blogspot.com no link "Danças de São Tomé" o depoimento do Sr. Libiano Frota. Presidente do Danço Congo Mine-Carocel de Almeirim.

diretamente envolvidos com os grupos, e sua disseminação tem como principal instrumento a oralidade.

Como se pôde perceber, o uso da oralidade está intensamente presente nas sociedades africanas, seja como meio de comunicação nas sociedades tradicionais ou como ferramenta de transmissão da herança da cultural nas sociedades mais contemporâneas – fato que pudemos observar no contexto de São Tomé e Príncipe. Em ambos os casos, pode-se perceber que a palavra tem um valor fundamental para a manutenção da ordem e na perpetuação de práticas que envolvem toda a sociedade. Fica para nós, historiadores, o exemplo e a referência, do uso da palavra como um importante vestígio para a construção de uma historiografia mais consistente, considerando o termo *grafia* como uma escrita para além do papel.

Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:

MARINHO, Vanessa Adriano. Santomé téla ô! Cultura em São Tomé e Príncipe.

Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010.

Disponível em:

<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Santome_tela_o.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2010.

Referências

- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2003.
- BARRY, Boucabar. **Senegâmbia, o desafio da história regional**. SEPHIS– Centro de Estudos Afro-Ásiáticos: Amsterdã/Brasil, 2000.
- GRÜND, Françoise. **Tchiloli: Charlemagne à São Tomé sur l’île du milieu du monde**. Paris: Magellan, 2006
- LOUDE, Jean-Yves. **Coupe de Théâtre à São Tomé**. Arles: Actes Sud, 2007.
- SERRANO, Carlos; Waldman, Maurício. **Memória d’África**. A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VALVERDE, Paulo. **Máscara, Mato e Morte em São Tomé**. Oeiras: Celta, 2000.
- VANSINA, Jean. A tradição oral e sua metodologia *in* UNESCO. **Historia Geral da África**. São Paulo, Paris: Ática, 1980.

Documentos eletrônicos

<<http://www.gov.st>>

Estilos de Música de São Tomé e Príncipe. Disponível em:

<[http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?](http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208)

[option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208](http://www.lusoafrika.net/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=208)>. Acesso em: 10 jan. 2010.

< http://stomepatrimonio.blogspot.com/search/label/Publica%C3%A7%C3%B5es_sobre_STP>

Cultura de São Tomé e Príncipe. Disponível em:

<<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/sao-tome-e-principe/cultura-de-sao-tome-e-principe.php>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

<<http://stpniclocon.ning.com/>>

Entrevista

LISBOA, Olavo do Espírito Santo da Cunha. **Cuá Téla**. Recife, 2009. Entrevista concedida a Vanessa Adriano Marinho, no bairro da Várzea, Recife, Pernambuco

Documentário

Pierre Verger: Mensageiro entre dois mundos. Direção de Lula Buarque de Holanda. Brasil, 1999. 82 min.



Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010 - ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com

Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010 - ISSN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com